

## **AMOR E (DES) ENCONTRO**

LINS. Karla Morgânia da Silva.  
Universidade Estadual da Paraíba  
MARTINS. Poliana Alves de Oliveira.  
Universidade Estadual da Paraíba  
PRAXEDES. Maria Fernandes de Andrade.  
Universidade Estadual da Paraíba

### **INTRODUÇÃO**

A Literatura é um “mundo” encantado, onde tudo se converte, permitindo o leitor transpor o reino silencioso da ficção em significados gritantes. Contemplando a comunicação entre texto e leitor, a mesma traz um universo repleto de expectativas, com palavras que pouco a pouco vão montando um cenário que produz uma multiplicidade de sentidos.

A construção deste trabalho começa com um encontro chamado amor, sabendo que este está num plano real, pois, o mesmo está designado a falta, e esta sempre se introduz pela impossibilidade, bem como retrata também os encontros e desencontros com que é norteados toda uma problemática de um triângulo amoroso. O trabalho trata ainda da problemática do ensino da literatura em sala de aula, visando sobre isto, a necessidade de introduzir o jovem no universo da leitura literária e como se dá o contato destes com a mesma.

Desta forma, propomos refletir e contemplar a vulnerabilidade com que se sustenta o ensino literário em sala de aula e refletir propostas mesmo que de forma não tão abrangente mas que permite transpor pelo menos uma pequena distância entre um dos fatores que restringe a literatura de ser algo primordial em sala de aula.

### **1 O AMOR COMO FALTA**

Neste contexto, o amor sob forma de falta, revela não propriamente a ausência de um plano físico, mas está ressignificado, sobretudo, à uma falta que incorpora uma

perspectiva subjetiva/ psíquica, ou seja, da aspiração de um amor-falta, para um amor que não acontece. Desta forma de amor como faltase efetua não apenas em momentos sucessivos de falta, mas estase coloca numa duração continua.

De acordo com Ferreira (2004, P.7), antes mesmo da psicanálise ser inaugurada por Freud os filósofos já se indagavam sobre a origem e finalidade do amor. A priori, na literatura ocidental do século XII, o discurso do amor está ligado “a dor”, ao “sofrimento” como também à “promessa de felicidade”. Aqueles “pelos quais eram acutilados pelas setas de Eros ficavam a favor da “ventura” e “desventura”, da “boa” e da “má sorte”, da “fortuna” e do “infortúnio”. Entretanto, todos esses obstáculos e embaces, não atribuíram ao homem relutar ou renegar de que o amor é a chave para o homem encontrar a felicidade. De antemão, mesmo não desvendando o que seria tal felicidade, as histórias amorosas possuíam o desfecho de “morte dos amantes”, ou a célebre frase “foram felizes para sempre”.

O amor sempre foi um dos temas mais recorrentes na literatura, e isto é atribuído porque o mesmo é uma questão que nunca se consume e nem se exaure embora seja permanentemente retomado, conservar-se inconcluso, acessível sempre à possibilidade de novas modificações. Assim, a construção do amor ergue-se como ponto de uma identidade própria, e esse se instaura num registro complexo de atuação, pois faz reféns, imobiliza e transforma o sujeito à sua maneira subjetiva de ser, desta forma leva-se a um plágio baldio, qualquer consignação deste, para um plano objetivo e lógico.

Tradicionalmente, ou na maioria das vezes é chavão o amor se instaurar num plano, na qual sua construção se dá sob forma gradativa e realizável, entretanto não se tem isto por regra absoluta ou doutrinária, as vezes este pode ir sendo contrariado, e não bem ocorrido, consignando apenas em uma não realização.

Em “A estrutura da bolha de sabão” Lygia Fagundes Telles, canaliza bem essa abertura, através de uma configuração de pensamento atual e investigativo, traz neste núcleo, o que antes era visto de forma romantizado para o homem, tradicionalmente inquestionável, agora é visto de forma plausível de discussão.

O conto traz consigo uma história um tanto peculiar: trata-se do reencontro de uma paixão não concretizada no passado, entre uma mulher e um Físico, este, estuda a estrutura da bolha de sabão e já se encontra casado no momento do reencontro.

A trama do conto inicia-se com a personagem narradora, mas precisamente uma figura feminina, narrando algumas lembranças de sua infância a qual se passam ao

lado do físico. O enredo além de trazer acontecimentos vividos no passado pelos personagens monta cenas já atuais, encontros, estes, não mais entre duas pessoas, mas uma tríade, construindo um cenário envolto de mistérios, ciúmes e amor.

Escalar os caminhos do amor neste conto significa perceber o quanto a realidade é urdida por Telles numa perspectiva intimista. O amor, não traz a possibilidade do encontro ou da união. Isto se convencionou através de fatores externos e internos em que o freio da moral é rechaçado numa luta de impossibilidades e estas impossibilidades se revelam atraentes neste jogo do amor sob forma de falta. Assim o amor no conto se evidencia sob forma de desejo, e desejar segundo Ferreira “é lamentar o que falta”, a partir disto entra essa invenção do amor “como finalidade de suprir essa falta”(2004,p.13).

Ferreira (2004, p.13), assinala que “a falta foi introduzida pela lei, sob forma de proibição”, assim em “A estrutura da bolha de sabão”, o amor está associado a essa proibição. O amor da ex-“amante” pelo Físico, coloca em cena o desejo relacionado à falta. Segundo a narrativa lygiana, trata-se de um “amor de transparências condenado à ruptura”(EBS, p.147) este amor é ameaçado e condenado pela própria vida. O amor sob forma de falta, não exulta de forma duradoura, pelo contrário, está sempre sobreposto por obstáculos que o mundo, o espaço e tempo lhe assentam.

Assim, diante disto, evidencia-se uma beleza singular para as leis do amor, pois tudo que pode ser proibido-falta (simbólico) e não realizado, tudo que pode deflagrar o possível, são intrinsecamente estimulantes, pois estes são urdidas num plano real - impossível. Neste caso, a não realização do amor aponta para uma não fundição, mas uma procura constante. Sobre esse aspecto, Sócrates apud Sponville (1945, p.253), afirma que o amor “embora seja o maior de todos está destinado à falta” e “a incompletude é seu destino, pois a falta é sua definição”.

A partir disto percebe-se que no conto a representação do amor se mostra sob forma de falta, não só para a ex- “amante”, mas também para o físico e sua atual esposa, pois de acordo com Ferreira “o amor não elimina a falta”, estafa parte do “aparelho psíquico” (p.11). Percebe-se que no atual contexto contemporâneo ainda se vivencia uma idealização do amor para uma existência plena de significados, entretanto há também nesse uma desconstrução para uma possível concretização da felicidade.

Refletindo sobre o texto “Mal-estar da civilização”, de Freud (1930), Ferreira ressalta que o homem está fadado a esta falta e ao desconforto existente nas fontes que seriam “a degradação do corpo, a morte, as exigências imperativas” entre outras, e que

as “religiões os ideais da revolução”, sobretudo, o amor fazem parte das aspirações ou “ilusões” para transformar o mundo, mas que ao mesmo tempo não impede este de buscar “toda verdade em nome do amor” (p.11).

Assim, a falta está presente em todos os personagens, pois estes, mesmo tendo a ideia de que o amor é a chave de se encontrar a felicidade, não as têm, pois esta está sob a forma de falta, a felicidade não é plena para eles.

## **2 ENCONTROS PARA O DESENCONTRO**

Se fosse possível nomear a jornada da vida, poderia se dizer que esta é uma constante movimentação flexível e dinâmica e que tudo que se corporifica a estes caracteres começam sempre com um encontro. A vida do homem é marcada por encontros e desencontros e estes, nem sempre estão coesos de uma forma intrínseca e complexa.

Entretanto, aqui, encontra-se evidência no registro do desejo pelo objeto, associado ou identificado enquanto símbolo da falta, ou seja, daquilo que poderia ter se realizado e não se efetuiu, e o desencontro está caracterizado, sobretudo, como ruptura definitiva.

Esta despersonalização na leitura de “A Estrutura da bolha de sabão”, vai se introduzir em dois momentos fundamentais: o primeiro é como se emergem esses contínuos encontros e o segundo e mais radical efeito como se dá esse desencontro.

Desta forma, se evidencia no encontro do Físico com sua ex-“amante”, a constituição de uma lembrança para reafirmar ou conduzir a busca do que não se tem.

Nessa busca pelo impossível, que aqui se evidencia como falta, encontros acontecem, e este primeiro encontro se dá com o seu passado:

Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro quando cortava os mais tenros, que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas. Uma de cada vez. Amor calculado porque na efabulação o sopro desencadeava o processo e um delírio de cachos escorriam pelo canudo e vinham rebentar na minha boca, a espuma descendo pelo queixo, molhando o peito. Então eu jogava longe canudo e caneca, para começar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão. (EBS, p 146.)

Pode-se inferir que este primeiro encontro vislumbra não o acontecido, mas como o sujeito viveu o que aconteceu, e isto vai se inscrevendo num plano como realidade criadora dos anseios atuais de ambos os sujeitos. O retorno ao passado denota a matéria dos fatos já ocorridos e a solidez com que se firma este amor, podendo-se perceber que a história se efetiva no curso da consciência que sobre a personagem se dobra, volta-se o passado como contraponto que ilumina a situação presente, assim o passado da personagem é coo-determinante da situação atual.

Esse encontro está lá, filtrado numa lente de representações e emoções, estabelecendo atrelamentos quais são evidentemente para sua satisfação e construção.

Assim tal encontro, estar sob a forma de compreender o que foi vivido, estando oponente ao que não foi durado, pois um tempo que permanece entre o atual e o passado, ressurgiu viciado pelas sensações e sentimentos de um “eu” do qual não é mais o que viveu, mas o que rememora o vivido.

Amor calculado, por que na afobação o sopro desencadeava o processo e um delírio de cachos escorria pelo canudo e vinha rebentar na minha boca, a espumadescendo pelo queixo. Molhando o peito então eu jogava longe canudo e caneca para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão. (EBS, p. 146.)

Nesse sentido, observa-se um encontro que fez laços, mas que ao mesmo tempo se faz transitório, marcado pela experiência enquanto criança, da qual se torna marca indelével que posteriormente vai desencadear no gozo de reencontrar o objeto alienado e perdido dessa tão íntima experiência originária.

José Paulo Paes em seu ensaio “Ao encontro dos desencontros”, conjuga a nomenclatura encontro a uma “ação de convergência e defrontamento de pessoas vindas de direções diversas” (1998. p.70), de antemão propõe-se pelo encontro a resolução de determinado assunto ou então ratificar o contrassenso de resolvê-lo.

Assim esse defrontamento entre o Físico, sua esposa e sua ex-“amante” revela ou propicia aos mesmos serem os mentores de sua própria situação problemática, os quais tem de avir-se, tendo esse defrontamento, de acordo com o autor, sempre sentido positivo deixando transparecer os significados de “resolver”, “confirmar” e “avir-se” (p.70). Dessa forma, o encontro de ambos está paralelo, situado aos sentimentos atuais e passado, abordando a ambivalência da resolução, ou seja, tal resolução não se chega à uma finitude de sucesso para os “amantes”, há uma aderência à causa, entretanto não se configura ao encanto de “foram felizes para sempre”.

O uso ambivalente entre encontro e desencontro, dramatiza-se de modo que o real (encontro) é subjugado pelo subjetivo (desencontro). O encontro reflete a vida, as experiências passadas, o apego pelo objeto, enquanto que o desencontro reflete-se como substituto das experiências perdidas como pode ser evidenciado nesta passagem: “Uma antiga amizade? Uma antiga amizade. Ah. Fomos colegas? Não, nos conhecemos numa praia, onde? Por aí, numa praia” (p.147e148). Assim, nesse processo, o passado imediato está mais em movimento do que mesmo o presente, não deixando de influenciar o presente, eis a lógica do encontro no conto em análise.

Essa contingência é uma pré-condição para a realidade inacessível dos “amantes”: Noutra ocasião a gente poderia se ver, de acordo? Sim noutra ocasião, é lógico. “Na rua ele pensou em me beijar de leve, como sempre, mas ficou desamparado e eu o tranquilizei, está bem, querido, está tudo bem, já entendi” (EBS, p.148). O encontro se mostra mais uma vez como a inacessibilidade de ambos se terem de forma plena.

A temática de encontro e desencontro no conto desenha por se próprio como real e realidade. Nessa leitura, se faz notória uma peculiaridade da qual não se deve excluir e sim elucidar, ou seja, vive-se mais pelo o que se viveu do que pelo o que está sendo vivido. O passado atrelado com o presente implica numa dimensão atemporal. “O segundo encontro foi numa exposição de pintura. No começo aquela cordialidade. A boca pródiga. Ele me puxou para ver um quadro de que tinha gostado muito. Quando voltamos, os olhos já estavam reduzidos a dois riscos.” (EBS, p.149). Nesse sentido se faz presente um jogo de movimento e indefinição, há uma transição constante de que tais encontros estão pré-determinados a não concretização tendo em vista que encontro não se dá apenas entre duas pessoas e sim três, gerando neste jogo do amor a impossibilidade.

Ao percorrer a narrativa vê-se que encontro e desencontro exteriorizam sob formas indefinidas, numa metamorfose de sensações paradoxais, como pode ser visto neste trecho “e seu gesto delgado de envolvimento e fuga parecia tocar mas guardava distância, cuidado, cuidadinho, ô! A paciência. A paixão”. (ESB, p146). A antítese deflagra o encontro e o desencontro, se está perto e ao mesmo tempo longe, isso autentifica de que nada adianta, haverá sempre o interdito de que a felicidade plena não está ao alcance, existem barreiras que estão arbitrarias à união.

Ferreira lembra que “a plenitude é inatingível porque o amor é proibido. Eis a estratégia do mito do amor: a conversão do impossível em interdição afim de que seja

mantida a promessa de felicidade. (2004,p.8). Assim o Físico e sua ex-“amante” estão fadados aos desencontros, pois há umanoçãofundamental de proibição para o encontro, o Físico já se encontra casado e transpor tal barreira está além do plano material, esses são separados por uma esfera maior, ou seja, existem fatores, que funcionam como vetores, que a civilização impõe para restringir o caminho do homem, e este está sucumbido ao fracasso e ao mal- estar.

Assim se coloca em cena mais uma vez, demonstradonessa passagem o“sem grito” (EBS,p. 147) o silêncio de um querer/amor/encontro que é inatingível e que estes não “estão”, mas “são” reprimidos e condenados ao fechamento ainda maior da não concretização – a do desencontro.

### **3 REFLEXÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

A literatura é uma forma do indivíduo reconhecer-se, e isso contribui para a formação de sua identidade. Essa, torna-se infecunda se não houver uma mediação entre texto e leitor, pois ambos devem possuir um elo capaz de conciliar os valores literários. A literatura sem a leitura é morta, e o leitor sem leitura é um ser incapaz de refletir as aspirações que o traduzam como um sujeito ativo.

É bem sabido, que essa dialética entre leitor e texto introduz-se nos dias atuais, sobretudo em uma apropriação empobrecedora, tendo em vista, que o ensino literário está sendo vinculado no contexto escolar como dogmatismo e historicismo. Começamos por considerar um dos pressupostos para o entendimento atual da dificuldade enfrentada pelos alunos: de início um dos fatores que interfere a impossibilidade leitura- interpretação é o que chamaremos de submissão interpretativa, ou seja, o leitor está habituado a possibilidade de uma só leitura e não à existência de uma leitura independente, crítica e reflexiva como posiciona bem HohendahlapudZilberman (2004, p. 14), “o leitor espectador ou ouvinte não aparece como uma categoria independente determinando a obra porque Adorno nunca questiona o ato hermenêutico da interpretação”, assim este método da teoria crítica exime o leitor do juízo de valor.

Diante disto, refletir concepções de como o ensino-aprendizado literário está sendo contemplado no contexto escolar, compromete ainda mais, que este, é cogente de uma dilucidação dos protocolos de leitura à uma necessidade de incentivar processos

práticos de leitura que incentivem a memória do aluno a trabalhar desde um primeiro contato com a obra.

Nesta perspectiva Campos (1999, p. 15), elucida que “ensinar não é mais capacitar o aluno com informações, mas desenvolver nele a capacidade de transformar informações em conhecimento, ampliando a rede de relações entre ensino e leitura”.

Desta forma, o diálogo entre texto e leitor, produz respostas capaz de proporcionar o preenchimento das lacunas existentes, ou seja, de um ser limitado e atrofiado intelectivo a um ser com competências a direcionar seu próprio olhar crítico-reflexivo, confirmando neste os pressupostos que esclarecem o caráter semântico do texto.

Considerando os vários obstáculos que a literatura possui dentro do âmbito escolar, crer-se ainda na viabilidade de um trabalho centrado e ortogado para um melhor funcionamento, avançando em opções metodológicas que venham dar caminho para uma prática de estudo literário mais eficiente, o qual, este ocorre num cenário heterogêneo, onde há situações divergentes, ou seja, alunos que têm uma certa competência literária, mas não têm o hábito da leitura, como também alunos que não dão testemunho de uma identificação literária. Nesta situação, é de bom uso como afirma Mello (1998, p.100) “despertar o aluno para o trabalho da leitura, com vista uma melhor competência”, se o educando apresenta resistência à leitura “é natural que esta assuma formas particulares”, trabalhando com “os possíveis efeitos do texto sobre o leitor, que pode ser de aceitação ou recusa, compreensão ou incompreensão”, desta forma, a autora acredita que mesmo o aluno sendo pouco instruído e sem o amadurecimento literário “é capaz de penetrar no universo dos textos”.

Com base nestas reflexões, abordaremos o relato de experiência de leitura com o conto “A estrutura da bolha de sabão” de Lygia Fagundes Telles realizada em uma sala de aula do 2º ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Brejo dos Santos –PB. O trabalho teve como objetivo, verificar como se dá a recepção inclusiva do conto em sala de aula e a performance do educando frente ao texto, visando sobre isto, a necessidade de introduzir o jovem no universo da leitura literária.

### **3.1 O relato de experiência**

Em um primeiro contato com os alunos, os quais chamaremos de colaboradores (C), fizemos os seguintes questionamentos:



Vocês leem com frequência textos literários? Quais obras literárias vocês já leram?

Após o questionamento os colaboradores responderam o seguinte:

C3- Não leio muito, mas já li O Quinze e O Guarani, gostei mais do Guarani, porque O Quinze teve um final que não gostei.

C2- Não gosto muito de ler, só li O Quinze por que o professor disse que tinha que ler pois era pra fazer uma defesa.

C3- Não leio com frequência pois o professor só passou uma  
Obra até agora.

Pelo depoimento dos colaboradores é possível perceber que o ensino de literatura conjuga-se de forma recusa neste cenário (a sala pesquisada), a literatura deixa de ser vista como algo importante que amplia a formação cultural e humanística dos alunos, para ser apenas um ensino superficial e sem predominância, pois como pontua Campos discorrendo a respeito da formulação de Roland Barthes:

Todas as disciplinas podem desaparecer, exceto a literatura, que trabalha com as emoções e sentimentos do ser humano; ela não retrata a realidade, mas apresenta um território, o do imaginário, no qual todos os humanos se reconhecem e por suas veredas caminham livremente. (1999, p.21)

Fundamentados nesse pensamento, percebemos a importância da inclusão da leitura literária e como a mesma é imprescindível para possibilitar ao aluno o reconhecimento de sentidos, e interpretar e reconstruir os signos da obra literária.

Durante as perguntas supracitadas, é possível perceber que os C1,C2,C3 não tiveram contato algum com as narrativas curtas pois, ao ser apresentado o conto os mesmos apresentaram certa indiferença, ambos estavam condicionados à uma metodologia dogmática e historicista, ou seja, com procedimentos e sequências linear de acontecimentos históricos e não um contato frequente com a obra literária, pois como assinala Campos (1999,p.24), “a maioria dos professores estão acomodados ante o problema da leitura refazendo práticas consagradas pela tradição”.

Após a leitura do conto, fizemos alguns questionamentos como:

*Gostaram do conto?*

*O que vocês acharam do conto?*

Vejam os que alguns responderam em relação aos questionamentos:

C1- É misterioso, gostei mais o menos

C2- Não entendi nada

C3- É uma história de amor, gostei

C4- É muito complexo

Nas justificativas dadas pelos colaboradores, percebemos que o conto exposto, foi de difícil compreensão em um primeiro olhar, uma vez que este apresenta uma leitura de difícil interpretação e ambos não estão convencidos a terem a transação com o texto literário. Rosenblatt *apud* Zilberman fala a respeito desta ligação entre texto e leitor:

O texto guia e constrange, mas é também aberto exigindo a contribuição do leitor. Este deve recorrer seletivamente à sua experiência e sensibilidade para obter os símbolos verbais a partir dos sinais dos textos e dar substâncias a esses símbolos, organizando-os num sentido que é visto como correspondendo ao texto. (2004,p.26)

Com o objetivo de analisar o desempenho frente ao texto propomos uma atividade escrita com três questionamentos, vejamos:

## **A PROPOSTA DE ATIVIDADE COM O CONTO**

*Estudo do texto*

- 1. Em o conto, **A estrutura da bolha de sabão**, de Lygia Fagundes Telles, qual a temática central? Evidencie trechos da narrativa para ilustrar e comprovar seu posicionamento.*
- 2. Percebe-se que no conto existe um triângulo amoroso, como se dá esse relacionamento entre as personagens?*
- 3. No trecho “Saiu e fechou a porta. Fechou-nos. Então descobri o que estava faltando, ô Deus. Agora eu sabia que ele ia morrer”, a autora sugere dois tipos de morte? Quais?*

*Boa Sorte!*

Vejamos agora, o desempenho dos colaboradores:

### **C1**

- 1.A temática central é o amor , que está condenado a ruptura.*
- 2. Nesse triângulo existe a esposa atual e a antiga paixão de infância, mas em nenhum momento elas discutem a relação*
- 3.Não era a morte física, mas uma morte desse amor que não se realizou.*

### **C2-**

- 1.A temática principal do conto é a paixão do passado.*
- 2. De mistério e paixão, pois a aproximação entre a atual esposa do físico com a sua antiga paixão deixa o físico dividido.*
- 3. A morte física*

### **C3-**

- 1. A temática do conto é o amor que não se realizou.*
- 2.A atual esposa do físico sente ciúmes da antiga paixão do esposo, o físico sente-se dividido entre o amor de infância e a atual esposa.*
- 3.Seria a morte do amor entre os dois e a morte física*

Diante do posicionamento dos colaboradores foi possível perceber que mesmo eles tendo uma carência de leitura de textos literários, os mesmos apresentaram uma percepção intuitiva e subjetiva do texto, pois mesmo com poucas competências leitoras os colaboradores **C1**, **C2**, **C3** conseguiram diagnosticar os possíveis significados existentes e preencher as lacunas do texto. Um bom exemplo seria a resposta do **C3**, diante do último questionamento, onde perguntamos quais as possíveis mortes que a autora poderia sugerir no texto e ele diagnosticou a morte física e a morte do amor.

Assim, percebe-se que mesmo com esse distanciamento do aluno, a leitura literária não tornou-se estranha; o texto não é impenetrável para um significado pleno, os colaboradores mostraram que essa realidade não é imutável, se estes forem motivados e despertados para o gosto da leitura.

Desta forma, esses alunos estão em conformidades com o posicionamento de Mello:

(...) a compreensão é um horizonte que se forma progressivamente e que funciona de modo diferente para cada leitor, há que treinar as operações intelectuais de interação com os textos, que podem assumir diversas formas, como a intuição, a pré-compreensão, a verificação de hipóteses, e tomar em consideração as relações com o contexto, as circunstâncias da enunciação, os pressupostos e o trabalho inferencial, incluindo a abdução. (1998, p.101)

A partir do posicionamento da autora, percebe-se que as intervenções intelectuais dos alunos devem ser treinadas e motivadas para que estes aprendam a refletir sobre meios ou pressupostos que lhes dê os pré-requisitos de uma estabilidade crítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conto “A estrutura da bolha de sabão”, evidencia uma influência mútua da trama sob o enfoque que faz o leitor entrar em contato direto com as relações afetivas presentes, nelas firmadas em toda impossibilidade da realização perfeita da imagem idealizada, marcando uma função de mostrar o aor sob forma de falta e a idealização de um objeto perdido e os encontros que partiram para os desencontros.

A pesquisa realizada, permitiu entender que mesmo com a distância entre leitura literária e aluno, é possível corrigir as dificuldades e os desvios existentes, apresentando propostas de novas metodologias coerentes na aceitação e apreciação para este fim, ou seja, estimulando e mobilizando o gosto do educando pela obra literária.

Desta forma, mesmo com os obstáculos inerentes à leitura literária e seus vários empecilhos na vida escolar, acreditamos que um trabalho situado nas dificuldades dos alunos buscando restituir as possibilidades e estabelecer uma conexão com a matéria ficcional, trabalhando na prática saídas para vencer problemas crônicos como apatia e a deficiência da leitura literária é possível vencer os limites e contribuir para o sucesso escolar e, conseqüentemente, o ensino de literatura

Portanto, o caminho a ser seguido é desenvolver a aptidão primeiramente no professor e em seguida nos alunos tornando-os leitores, pois a leitura de obras literárias é um dos meios que permite um diálogo entre si e a ficcionalidade existente para os sentidos que buscamos.

## REFERÊNCIAS

- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.5, mar. 1998.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. **Ensinar o prazer de ler.**São Paulo: Editora Olho d'água 1999.
- FERREIRA ,Nadiá P. **A Teoria do Amor na psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar 2004.
- MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a proplemática dos gêneros literários.**Editor: Livraria Almedina – Coimbra 1998.
- PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros. In: **Cadernos de literatura brasileira**, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998. p.72.
- RÉGIS, Sonia. A densidade do aparente. In: **Cadernos de literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Pomba enamorada ou uma história e outros contos escolhidos.** Porto Alegre: L & PM, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.**São Paulo: Ática 2004.

